

INVESTIGAÇÃO DOS VALORES MORAIS À LUZ DE FRIEDRICH NIETZSCHE: EXPLANAÇÃO A GOLPES DE MARTELO

INVESTIGATION OF MORAL VALUES IN FRIEDRICH NIETZSCHE'S VIEW: HAMMER HIT EXPLANATION

Tiago Xavier¹

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar a investigação do filósofo Friedrich Nietzsche acerca dos valores morais por entender que em algum momento da história humana eles foram determinantes para a decadência do homem, devendo ser questionados a partir da análise genealógica dos valores “bem” e “mal”, “bom e mau” – chegando à conclusão de que os valores “bom” e “mau” não foram provenientes de um mundo inteligível, mas humano; ou seja, foram criados por uma casta de senhores proeminentes em oposição a uma casta hierarquicamente menor. Com o passar do tempo, a casta diminuta inverteria os valores criados pelos senhores a partir do ressentimento advindo de sua impotência, fundamentando os valores invertidos em um mundo oposto, repleto de esperança e paz do espírito. Esta fundamentação será vista por Nietzsche como valor de natureza ascética, religiosamente sacerdotal – refletido na negação do mundo e da vontade dos instintos oriundos da própria natureza. Diante disso, o filósofo proporá a transvaloração dos valores morais da casta diminuta em prol do super-homem.

Palavras-chave: Nietzsche. Valores-morais. Transvaloração-dos-valores. Super-homem.

Abstract: the following work intends to present a research of the philosopher Friedrich Nietzsche, about moral values since once upon a time in History, they were forged in order put the Man down, hence “good” and “evil” should be questioned under a genealogical analysis – leading to the conclusion that “good” and “evil” do not come from the intelligent world itself, the moral values were created from a ruling caste against an inferior caste. As time passed, the inferior caste would reverse the ruling caste’s values because of resentment due to impotence, the values of the inferior caste were based on hope and inner peace. This new base was viewed by Nietzsche as a value from ascetic nature, from the sacerdotal caste itself – it was based on the denial of world and from one’s desires. Hence, the philosopher Nietzsche himself has proposed the transvaluation of moral values of the inferior caste in favor of the superman.

Keywords: Nietzsche. Moral values. Transvaluation of values. Superman.

1. Introdução

Veremos a investigação do filósofo Nietzsche acerca dos valores morais por entender que em algum momento da história humana eles foram determinantes para a decadência do homem, devendo ser questionados a partir de uma análise genealógica dos valores “bem” e “mal”, “bom” e “mau” – chegando à conclusão de que os valores “bom” e “mau” não foram provenientes de um mundo inteligível, mas humano; ou seja, foram criados por uma casta de senhores proeminentes em oposição a uma casta hierarquicamente menor. Com o passar do

¹ Bacharelado, Licenciatura Plena e Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutorando em Filosofia pela mesma instituição. Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6638326137963476>. E-mail: sophosxavier@hotmail.com.

tempo, a casta diminuta inverteria os valores criados pelos senhores a partir do ressentimento advindo de sua impotência, fundamentando os valores invertidos em um mundo oposto, repleto de esperança e paz do espírito.

Essa fundamentação será vista por Nietzsche como valor de natureza ascética, religiosamente sacerdotal – refletido na negação do mundo e da vontade dos instintos oriundos da própria natureza.

Diante disso, o filósofo proporá a transvaloração dos valores morais da casta diminuta por ser detratora da vida, entendendo que sua moral era aniquiladora perversa da existência terrena, causadora do declínio humano por fazer do homem escravo servil de ideias castradoras que impediam o fluxo da vida por desvalorizar o corpo e o mundo – promovendo o afastamento deste através da crença de que a vida puramente verdadeira estaria para além da terrena.

Essa transvaloração será a afirmação da vida – que, uma vez abraçada em toda a sua complexidade, faria do indivíduo o super-homem: a superação do homem por estar para além deste.

2. Valores morais: criação e inversão

No prefácio de sua obra *A genealogia da moral*², o filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) vê a necessidade de investigar criticamente os valores morais por entender que em algum momento da história humana eles foram determinantes para a decadência do homem, devendo ser questionados a partir de uma análise genealógica³ de sua origem, circunstância, condição, desenvolvimento e modificação, como o próprio diz:

Necessitamos de uma “crítica” dos valores morais e antes de tudo deve se discutir o “valor destes valores”, e por isso é de toda a necessidade conhecer as condições e o meio ambiente em que nasceram, em que se desenvolveram e se deformaram (a moral como consequência, como máscara, como hipocrisia, como enfermidade ou como equívoco, e também a moral como causa, remédio, estimulante, freio ou veneno), um conhecimento de tal espécie nunca teve outro semelhante, nem é possível que não o tenha nunca desejado (NIETZSCHE, 2009, p. 28).

Com rigor e olhar histórico aguçado, Nietzsche analisará minuciosamente os valores “bem e mal”, “bom e mau”, atentando para não lhe escapar o espírito histórico que faltou

² NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.

³ Procedimento base para a compreensão da história da moral.

àqueles que se ocuparam com uma investigação da moral⁴, a fim de evitar toda e qualquer idiosincrasia que contamina o pensar investigativo e o transfigura em anti-histórico. Para isto, o filósofo recorre à antiga Grécia do período homérico a fim de analisar as relações humanas. Ao fazer isso, chegará à conclusão de que os valores “bem” e “mal” não foram provenientes de um mundo inteligível; pelo contrário, eles são humano, demasiado humano, isto é, foram criados por “uma raça superior e dominadora, em oposição a uma raça inferior e baixa”, determinando “a origem da antítese entre ‘bom’ e ‘mau’” (NIETZSCHE, 2009, p. 33).

Através do procedimento genealógico, o filósofo detecta que o valor “bom” não foi herança passada aos homens por meio dos que herdaram a bondade, mas por uma casta de homens nobres; de senhores poderosos e “superiores que julgaram ‘boas’ as suas ações: isto é, ‘de primeira ordem’, estabelecendo esta nomenclatura por oposição a tudo quanto era baixo, mesquinho, vulgar e vilão” (NIETZSCHE, 2009, p. 32). Isso foi um ato de autoridade que emanou dos que dominavam, vinculando “a um objeto ou a um fato tal ou qual vocábulo, e dessa forma tomaram posse dele. De maneira que primitivamente a palavra ‘bom’ não significava ação ‘altruísta’” (NIETZSCHE, 2009, p. 33).

Essa característica foi, para Nietzsche, o sentido etimológico da palavra “bom” em todas as línguas, como ele mesmo afirma ao se indagar:

Qual é, segundo a etimologia, o sentido da palavra “bom” nas diversas línguas? [...] descobri que esta palavra em todas as línguas deriva de uma mesma transformação de ideias; descobri que, em toda a parte, a ideia de “distinção”, de “nobreza”, no sentido de ordem social, é a ideia-mãe donde nasce e se desenvolve necessariamente a ideia do “bom” no sentido de “distinto quanto à alma”, e a ideia de “nobre” no sentido de “privilegiado quanto à alma”. E este desenvolvimento é sempre paralelo à transformação das noções “vulgar”, “plebeu”, “baixo”, finalmente, na noção de “mau” (NIETZSCHE, 2009, p. 34, grifos do original).

⁴ Muitos indivíduos da época de Nietzsche que se ocuparam com a investigação de questões relacionadas à moral que “não levaram a nada” por não terem trazido à tona a origem – de forma imparcial – do “bem” e do “mal” a partir de uma construção histórica, como foi o caso do psicólogo naturalista inglês Herbert Spencer (1820-1903) – que, segundo o próprio Nietzsche, considerou “os conceitos ‘bom’ e ‘útil’ como de origem semelhantes; de sorte que a humanidade pelos juízos ‘bom’ e ‘mau’ resumiria e sancionaria as suas experiências inolvidáveis acerca do que é útil e conveniente, ou inútil e inconveniente. Segundo esta teoria, é bom aquilo que, em todos os tempos, se revelou como útil, e daí logo ‘o seu valor essencial’. Esta tentativa de explicação é errônea, mas ao menos é sensata e psicológica” (NIETZSCHE, 2009, p. 34). Diante dessa afirmativa, Rafael Lauro, em seu trabalho intitulado *Genealogia da moral – bom e mau, bom e ruim*, reforça o posicionamento de Nietzsche ao dizer que “o bom não se liga ao útil, mas ao nobre” (se referindo ao que chamaremos mais adiante de senhores). E ainda: “É o próprio bom que diz o que é bom, que toma para si a tarefa de valorar o mundo pelo sim e o não de seu paladar. Bom é o que o agrada, é o que o fortalece, é o que o apetece... Ao redor deste monumento, que é sua apreciação tornada soberana, que o nobre estabelece um *pathos* da distância. Ele afasta de si o juízo baixo, comum, alheio e se aproxima cada vez mais o seu sim de seu bom. Não importa a utilidade, importa a força, isto é, a potência de se efetuar que existe neste sim”. LAURO, Rafael. *Genealogia da moral – bom e mau, bom e ruim*. [Acesso em 10 de fevereiro de 2019]: Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2014/09/09/genealogia-da-moral-bom-e-mau-bom-e-ruim/>>.

Por meio do procedimento examinador nietzschiano, o sentido da expressão “bom” vem à tona não como sentido em si mesmo representado por aqueles que refletiam esse sentido, mas por autoridade dos que se afirmaram “bons”, ou mais precisamente, dos que se autoafirmaram “bons” – “transparecendo o matiz principal pelo qual os ‘nobres’ se sentiam homens de uma classe superior” (NIETZSCHE, 2009, p. 35).

Esses nobres a quem Nietzsche se refere e que se intitularam fortes, poderosos, superiores, são os guerreiros aristocratas do período homérico da antiga Grécia⁵. Foram eles que criaram o valor “bom” e o fundamentaram a seu estilo de vida e a tudo que caracterizava (robustez, vigor, saúde de ferro) e que contribuía para tal: dança, caça, guerra, jogos, exercícios físicos, aventuras; enfim, a tudo o que implicava uma atividade vigorosa, livre e demasiadamente jubilosa (NIETZSCHE, 2009, p. 38).

Após criarem o valor “bom” e o atribuírem a si mesmos, os senhores criaram (por oposição a tudo aquilo que não se assemelhava ao seu estilo de vida e que não contribuía para tal) o valor “mau” e o atribuíram aos fracos. Esse foi o modo com que os valores foram construídos. Agora nos resta saber como o outro lado (o dos fracos), a que foi designado o valor “mau”, se comportou, ao longo do tempo, diante dos valores criados pelos senhores.

Uma vez que os senhores criaram os valores morais a partir da autoridade de sua força e autoafirmação da mesma, os fracos⁶, mais tarde, inverteram os valores por impotência, entendendo que

“bom” é igual a “nobre”, igual a “poderoso”, igual a “formoso”, igual a “feliz”, igual a “amado de Deus”. E, com o encarniçamento do ódio da impotência, afirmaram: “Só os desgraçados são bons; os pobres, os impotentes, os pequenos são os bons; os que sofrem, os necessitados, os enfermos são os piedosos, são os benditos de Deus; só a eles pertencerá a bem-aventurança; pelo contrário, vós, que sóis nobres e poderosos, sereis por toda a eternidade os maus, os cruéis, os cobiçosos, os insaciáveis, os ímpios, os réprobos, os malditos, dos condenados” (NIETZSCHE, 2009, p. 39).

Essa impotência dos escravos suscitou e fez crescer neles um ressentimento venenoso que ocasionou a transformação dos valores. Sua moral de estímulos externos levantou um “não” a tudo o que não lhes pertencia, que não era próprio; que não era seu. Este “não” foi a

mudança do olhar que mede os valores, essa direção necessariamente exterior, ao invés de ser para si, é própria do ressentimento: a moral dos escravos necessitou sempre de um mundo oposto, exterior; necessitou, falando psicologicamente, de

⁵ Doravante os chamaremos de “senhores”; e sua moral de “moral de senhores”.

⁶ Doravante os chamaremos de “escravos”; e sua moral de “moral de escravos”.

estimulantes externos para entrar em ação; a sua ação desde a profundidade é uma reação (NIETZSCHE, 2009, p. 41-42, grifos do original).

A moral de escravo, contrária à moral aristocrática, não brotou e não floresceu a partir da qualidade de homens completos, uma vez que sua felicidade teve origem em um sentimento externo construído artificialmente “sob a forma de estupefação, de sonho, de repouso, de paz, de sábado, de descanso do espírito, de estender dos ossos” (NIETZSCHE, 2009, p. 43) por não haver confiança e franqueza em si mesmos. E é a partir de tudo isso que se compreende o modo de valor desta moral em oposição à moral dos senhores. Nesse sentido, o caminho que outrora estava obstruído pela futilidade de uma genealogia da moral se abre para uma crítica intempestiva que Nietzsche fará aos valores morais dos escravos.

3. Crítica dos valores morais escravocratas

Enquanto os valores morais dos senhores nasceram e se fundamentaram na autoafirmação de uma corporalidade dura, robusta e potente, cheia de vida e de paixão na plenitude (integridade) do seu desenvolvimento sem a necessidade de narcótico externo, os valores morais dos escravos partiram do ressentimento que produziu ódio por causa da impotência, da impossibilidade, da falta de poder que fez nascer uma raiva maligna e venenosa à sua antítese (os senhores) – fundamentando seus valores na necessidade de um mundo oposto, repleto de sonhos e paz do espírito, ideal que os fazia dizerem para si mesmos:

Sejamos o contrário dos maus, sejamos bons! O bom é o que não injuria a ninguém, nem ofende, nem ataca, nem usa de represálias, senão que deixa a Deus o cuidado da vingança e vive oculto como nós e evita a tentação e espera pouco da vida como nós os pacientes, os humildes e os justos (NIETZSCHE, 2009, p. 49).

Essa maneira de pensar dos escravos “chama bondade a impotência, humildade a baixaza, obediência a submissão forçada (eles dizem que obedecem a Deus)” (NIETZSCHE, 2009, p. 50), “covardia” (característica de sua casta e que está sempre à sua porta) a “paciência” (NIETZSCHE, 2009, p. 50); esses valores de natureza ascética, religiosamente sacerdotal por prometer um céu de espiritualidade para aqueles que buscam contrição, isto é, sentimento pungente de arrependimento por pecado cometido e pela ofensa a Deus – refletido na negação do mundo e da vontade dos instintos (prazer, libido, sexo etc.) oriundos da própria natureza⁷.

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

O seu céu religiosamente espiritual, destino infinito de ordem eterna, é insensatez e superstição, uma “tolice religiosa por excelência” (NIETZSCHE, 2005, p. 51), a mais pura antinatureza por exigir sacrifício e supressão dos instintos da própria natureza – delírio moral que desperta “alegria festiva que reluz no olhar cruel do asceta, do entusiasta ‘antinatural’” (NIETZSCHE, 2005, p. 54).

Seus valores escravocratas, divinizados, santificados por devoção, não passavam de ascetismo sacerdotal, verdadeiro repouso no nada, isto é, repouso em Deus, tomando como palavras mágicas a pobreza, a humildade, a castidade – instigando os adeptos a voarem por cima da vida em vez de descansar nela. Eis aqui a sua virtude negadora da existência por não afirmá-la⁸.

Essa virtude⁹ olhava para a vida com uma visão monstruosa, fazendo da “terra o verdadeiro planeta ascético, um recanto de criaturas descontentes, arrogantes, repugnantes, enfasiadas de si mesmas, do mundo e da existência” (NIETZSCHE, 2009, p. 113, grifos do original) por trazer em suas ideias elementos exaltadores da castidade, se configurando na mais pura aberração da vida por opô-la em relação à outra vida completamente distinta. Para alcançar esta era preciso que a vida terrena fosse negada.

Esse olhar maldoso, que via a vida terrena como um caminho equivocado, procurou gozo na enfermidade, na imundice, no “dano involuntário”, na “negação de si próprio”, na “mutilação”, nas “mortificações”, no “sacrifício de si mesmo” e tudo quanto era abastardado, isto é, degenerado (NIETZSCHE, 2009, p. 114).

Para Nietzsche, negar a realidade por meio da supressão das paixões, na tentativa de ceifar a vontade de viver terrena em prol de uma razão pura a partir de uma espiritualidade absoluta, é um verdadeiro absurdo, a mais pura manifestação da demência causada por um ideal desonesto e venenoso cultuado pelos doentes, “os desgraçados, os vencidos, os impotentes, os fracos” (NIETZSCHE, 2009, p. 118) detratores e envenenadores da vida.

Esses odiosos de rancor, dissimuladores na arte da calúnia, impostores degenerados, monopolizavam toda a virtude a partir de um “nós somos os únicos bons, os únicos justos, [...] como se a saúde, a robustez, a força, a valentia, a bravura, fossem vícios” (NIETZSCHE, 2009, p. 118) que deveriam ser escoimados,

⁸ NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.

⁹ No capítulo sétimo (“Nossas virtudes”) do *Além do bem e do mal*, Nietzsche alerta dizendo que “toda virtude tende à estupidez, toda estupidez à virtude; ‘estúpido até a santidade’, dizem na Rússia – cuidemos de que, por honestidade, não nos tornemos santos e enfadonhos!” (NIETZSCHE, 2005, p. 119). Este alerta evidencia a desaprovação do filósofo para com este tipo de virtude santa por ir contra a vida.

resultando em linguagem moral, aniquilamento do eu, santificação; e em linguagem fisiológica: hipnotização, dormida de inverno, [...] o sono hibernal para algumas espécie da fauna (NIETZSCHE, 2009, p. 126, grifo do original).

O modelo moral dos que substituíam a vida pela redenção suprema era visto por Nietzsche como redução a uma imbecilidade gigantesca que produzia na alma humana fé em um mundo distinto da vida terrena, instigando seus adeptos a uma busca ilusória da salvação da alma; verdadeira fábula, sonho quimérico de valor hipnótico negador da existência.

Essas características insensatas da moral de escravo, exaltadora da castidade, vida antinatural, ideal ascético sacerdotal, eram o verdadeiro anestésico que deixava os indivíduos insensíveis perante os sentidos, a realidade, a existência; monstruosidade que fazia da vida terrível morbidez.

Por tudo isso, Nietzsche propõe a superação do homem degenerado pelo ascetismo religiosamente sacerdotal, a partir da transvaloração dos valores que contribuirá para o surgimento do super-homem.

4. Transvaloração dos valores: afirmação da vida

Por Nietzsche entender que a moral de escravo era detratora da vida, afogando o homem na infelicidade por conta de ideias nocivas que promoviam o enfraquecimento e negação das pulsões humanas, o filósofo propõe a transvaloração dos valores desta moral, entendendo que ela era aniquiladora perversa da existência terrena – causadora do declínio humano por fazer do homem escravo servil de ideias castradoras que o debilitavam.

Essa moral antinatural impedia o fluxo da vida por desvalorizar o corpo e o mundo, promovendo o afastamento deste através da crença de que a vida puramente verdadeira estaria para além da vida terrena, desligando o homem da realidade e fazendo-o adoecer. Diante disto, o filósofo vê a necessidade de transvalorar seus valores transcendentais a fim de religar o homem à terra sem que este precise de compromisso com ideias de valor metafísico puramente religioso, já que a vida é em si mesma *pathos*¹⁰, estando presente na experiência humanamente terrena e em tudo aquilo que a constitui: nascimento e morte, sombra e luz, agonia e êxtase, gravidade e leveza, doença e saúde, exílio e refúgio etc.

A ideia cerne da moral de escravo, de que a vida terrena é uma imoralidade repleta de erros, instiga Nietzsche a transvalorá-la, já que ela é negação e destruição da existência. Por conta disso, deve ser transvalorada por uma proposta que coloque o homem e a vida em

¹⁰ Equivalente a paixão, afeto; enfim, aos sentimentos do agir humanos.

evidência através de novos modos de valoração que estejam relacionados e diretamente ligados com a terra, e não com uma vontade divina.

Sua proposta é de que o homem deve olhar para a vida e suas complexidades sem medo de afirmá-la, pois isso o faz estar conectado com a terra. Conectar-se a essa realidade é valorizá-la, resgatando a si próprio a partir da afirmação do existir – símbolo da vida expresso naquele que não renuncia à sua força e combate os ideais corruptores que a tudo querem debilitar, como a moral transcendente inescrupulosa da vida.

Não deixar que a moral inescrupulosa triunfe sobre a terra por ser aquela o desprezo do corpo, negando este em favor da alma¹¹, é promover a transvaloração desta moral doentia e de suas avaliações pérfidas que desqualificam e descartam a realidade. Essa transvaloração é a afirmação da vida – que, uma vez abraçada em toda a sua complexidade, faria do indivíduo o supra-humano, o além-do-homem¹²; em outras palavras, faria dele o super-homem¹³: ser de instinto, força e vida – expressão da vontade de poder¹⁴.

O super-homem é aquele que está para além do homem, desvinculado de leis castradoras, de tradições e costumes asceticamente sacerdotais. É o ser alegre, são, forte, e criador de novos valores; é aquele que não se furta... afirmando a si mesmo e se protegendo de ideias rasteiras, pequenas e debilitadoras das forças vitais. É o indivíduo que reconhece a

¹¹ Nietzsche dirá que “tudo é corpo e nada mais; a alma é simplesmente nome de qualquer coisa do corpo” (NIETZSCHE, 1979, p. 26).

¹² Tradução para *Übermensch*. Este também frequentemente traduzido para “super-homem”. É importante ressaltar que “além-do-homem” e “super-homem” não são traduções literais, uma vez que não há equivalente adequado em português para o vocábulo “*Übermensch*”. De toda forma, utilizaremos as duas expressões para “*Übermensch*”, a fim de facilitar a exposição da nossa proposta.

¹³ Em *O super-homem de Nietzsche e sua ambígua questionabilidade*, o filósofo alemão Bernhard Welte (1906-1983) diz que o super-homem indica algo que está além, acima do homem, sem necessariamente deixar de fazer parte deste. Isso significa dizer que o super-homem não é um indivíduo elevado à enésima potência, um ser sobrenatural, mas uma figura que assume e dá sentido à Terra, como bem destacou o filósofo alemão Max Scheler (1874-1928) em *La ideia del hombre y la historia*.

¹⁴ Em *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*, Wolfgang Müller-Lauter, ao interpretar Nietzsche, diz que a vontade de poder não é um caso particular do querer, nem muito menos um simples desejar; em suas palavras: “vontade de poder não é um caso especial do querer. Uma vontade ‘em si’ ou ‘como tal’ é uma pura abstração: ela não existe factualmente. Todo querer é, segundo Nietzsche, querer-algo. Esse algo-posto, essencial em todo o querer é: poder. Vontade de poder procura dominar e alargar incessantemente seu âmbito de poder. Alargamento de poder perfaz-se em processos de dominação. Por isso querer-poder (*Machtwollen*) não é apenas ‘desejar, aspirar, exigir’. A ele pertence o ‘afeto do comando’” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 54). Contudo, preferimos o parecer de Marilena de Souza Chauí em consultoria para a coleção *Os Pensadores*, ao relacionar “super-homem”, “vontade de potência” (ou vontade de poder) e “domínio”, dizendo que o “super-homem nietzschiano não é um ser, cuja vontade ‘deseje dominar’. Se se interpreta Vontade de Potência, diz Nietzsche, como desejo de dominar, faz-se dela algo dependente dos valores estabelecidos. Com isso, desconhece-se a natureza da Vontade de Potência como princípio plástico de todas as avaliações e como força criadora de novos valores. Vontade de Potência, diz Nietzsche, significa ‘criar’, ‘dar’, e ‘avaliar’” (OS PENSADORES, 1978, p. 20). Assim, nos afastamos de interpretações extravagantes que se apropriam de expressões como “vontade” e “domínio” para disseminar ideias grosseiras, como foi o caso do Nacional-Socialismo na Alemanha nazista que, se apropriando de forma desvairada da filosofia de Nietzsche, procurou fundamentar sua ideologia inescrupulosa marcada pelo domínio, terror e aniquilamento de outros povos.

importância da vida pulsante e instintiva de acordo com a condição natural e finita da mesma sem desejo de projeção para além desta através de esperanças ultraterrenas – permanecendo fiel à terra.

Esse super-homem é um espírito¹⁵ livre de valores transcendentais e acima de tudo um intenso defensor da beleza da vida. É a representação máxima do tipo superior de homem; é o ser que comanda a própria vida exercendo a vontade de poder por dar vazão à sua força interna. Neste sentido, só ele concebe princípios morais e valores a si mesmo, e não outros – seja um sacerdote ou um deus.

O super-homem de Nietzsche é o que daria sentido à terra a partir de uma concepção antimetafísica. Seu desejo (o do filósofo) era humanizar o mundo¹⁶ a partir dessa nova concepção de homem por reconhecer a vontade de poder que está em si – dando vazão às manifestações instintivamente humanas sem abnegação (renúncia ascética à própria vontade em função de anseios místicos ou princípios religiosos) das mesmas.

¹⁵ Entende-se “espírito” não como “um *nous* imaterial no sentido platônico”, mas como “capacidade corporal de interpretação através da linguagem, que é baseada na força fisiológica”, como bem notou Stefan Lorenz Sorgner em *Nietzsche, the overhuman and transhumanism*. [Acesso em 11 de setembro de 2019]: Disponível em: <<https://jetpress.org/v20/sorgner.htm>>.

¹⁶ Entende-se “humanizar o mundo” como sendo “apropriar-se dele”.

Referências bibliográficas:

LAURO, Rafael. *Genealogia da moral – bom e mau, bom e ruim*. [Acesso em 10 de fevereiro de 2019]: Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2014/09/09/genealogia-da-moral-bom-e-mau-bom-e-ruim/>>.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. Trad. Oswaldo Giacoia. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zarathustra*. São Paulo: Hemus, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre verdades e mentiras no sentido extra-moral* (Obras incompletas). Tradução de Rubens Rodrigues Torres filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich. *"Sämtliche Werke" (KSA)*. Hg. von G. Colli und M. Montinari. Berlin; New York; München: Walter de Gruyter, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo – SP: Editora Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *A visão dionisíaca do mundo*. São Paulo: M. Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes; apresentação Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Fragments do espólio: primavera de 1884 a outono de 1885*. Tradução de Flávio R. Kothe. Brasília: E. UnB, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *A genealogia da moral*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis – RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, J. R. de. *Nietzsche e o elogio das ilusões: uma estratégia de combate à metafísica*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 9-29, jan./jun. 2012.

OS PENSADORES. *Nietzsche*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RAMACCIOTTI, B. L. *Nietzsche: fisiologia como fio condutor*. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 65-90, jan./jun. 2012.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche, biografia de uma tragédia*. Tradução de Lya Lett Luft. São Paulo – SP: Geração Editora, 2001.

SCHELER, Max. *La idea del hombre y la historia*. [Acesso em 21 de setembro de 2019]: Disponível em: <http://html.rincondelvago.com/la-idea-del-hombre-y-la-historia_max-scheller_1.html>.

SORGNER, S. L. *Nietzsche, the overhuman and transhumanism*. *Journal of Evolution and Technology* [Acesso em 11 de setembro de 2019]: Disponível em: <<https://jetpress.org/v20/sorgner.htm>>.

STERN, J.P. *As idéias de Nietzsche*. Trad. Cajado, O. São Paulo: Cultrix, 1978.

WELTE, Bernhard. “O super-homem de Nietzsche e sua ambígua questionabilidade”. In: *Nietzsche e o cristianismo*. Trad. Frei Fidélis Vering. Petrópolis: Vozes, 1981.